

A HETEROTOPIA DO CORPO BICHA

Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira⁵
Suely Henrique de Aquino Gomes⁶
Deyvisson Pereira da Costa⁷

Resumo

Vivemos em um período em que as identidades não são mais capazes de abarcar todas as características e os demarcadores a que estão sujeitos os indivíduos. A afloração e a descoberta da sua própria sexualidade têm se tornado além de um processo subjetivante, um caleidoscópio que nos ajuda a entender a organização da própria sociedade. A proposta desse artigo é pensar como o corpo bicha é um outro espaço nessa organização social, por promover uma simbiose entre o que é ser mulher/homem, que o caracterizaria como uma heterotopia, expandindo assim o conceito de heterotopia proposto por Foucault (2013).

Palavras-chave: Corpo, Bicha, Heterotopia

Resumen

Vivimos en un período en el que las identidades ya no son capaces de abarcar todas las características y demarcaciones a las que están sujetos los individuos. El surgimiento y el descubrimiento de su propia sexualidad se han convertido más allá de un proceso subjetivo, un caleidoscopio que nos ayuda a comprender la organización de la sociedad misma. El propósito de este artículo es pensar cómo el cuerpo bicha es otro espacio en esta organización social, ya que promueve una simbiosis entre lo que es ser una mujer / hombre, lo que lo caracterizaría como una heterotopía, expandiendo así el concepto de heterotopía propuesto por Foucault (2013).

Palabra clave: cuerpo, feto, heterotopia

Aviso aos desejantes

Vivemos em tempos fluídos. O hoje é um passado e o atual é quem estamos nos tornando. É nessa amplitude (ou na diminuição dela) que as sexualidades são constituídas. É um momento de fortalecimento dos discursos e das lutas travadas desde 1970. A sociedade, a mídia e o consumo perceberam e passaram a mostrar, a se deixar mostrar, essa amplitude sexual.

Gays, lésbicas, bissexuais, assexuados, travestis, transexuais, hermafroditas, héteros, cis, trans, *queer*, bicha, esses termos outrora estabelecidos estão começando a ruir e nada está vindo de novo, é preciso vê-los sob rasura, conceitos que não são mais bons para pensar, mas que ainda não temos novos termos para abarcar com profundidade a experiência que cada termo caracterizaria.

⁵ Doutorando e Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação e Informação da Universidade Federal de Goiás.

⁶ Professora titular da Universidade Federal de Goiás. Professora do quadro permanente do Mestrado em Comunicação, Cidadania e Cultura (PPGCOM/FIC), atuando na linha de pesquisa Mídia e cultura. Doutorado em Ciências da Informação pela UNB.

⁷ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais e docente na Universidade Federal de Mato Grosso liderando o grupo Limiar - Estudos de Linguagem e Mídia nas áreas de Estudos de Linguagem, Novas Tecnologias da Comunicação, Biopolíticas e Processos de Subjetivação.

Aquí, nesse trabalho, a proposta é que consigamos alcançar uma dimensão, ainda muito pequena, mas que se mostra uma nova porta, ou janela, ou faísca, uma nova forma de ver o corpo bicha, percebê-lo como uma heterotopia. Um outro lugar, um espaço novo (já que os espaços existentes não conseguem enquadrar esse sujeito). Que o caminho seja bonito, para essa pesquisa que ainda está começando, e que seja de excessos, de coloridos e de bichas, afinal é assim o caminho da maravilhosidade.

A corporalidade da subjetividade e da sexualidade

Subjetividade é coisa de pele, segundo Rolnik (1997). É lá onde ela acontece. Por essa fina linha limítrofe que o interno e o externo do corpo tencionam. Uma feitura de indivíduo em constante processo de troca. É nessa troca também que a subjetividade é construída, por meio de processos subjetivantes, dentre eles a sexualidade, conforme explica Michel Foucault (1984; 1985).

A subjetividade, assim, pode ser vista como um modo que nos tornamos sujeitos, ou seja, são práticas de si. Tais práticas estão inseridas nos discursos, logo os saberes, e também em práticas e relações de poderes. Essa subjetividade também possui uma relação de descontinuidade em suas formas históricas devido aos fluxos que habitam a subjetividade (FOUCAULT, 1984). Entendamos então a sexualidade como sendo,

O nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação aos discursos, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

O que o autor explicita é uma não naturalização do sexo e da sexualidade, mas trata de ambos também como uma construção social, pautadas no estabelecimento e proliferação dos discursos em várias áreas do conhecimento e também nas relações de poder estabelecidos por meio desses discursos.

Historicamente a sexualidade passou por diversas configurações, diagramas, dentre elas as que a configuram como um dispositivo. Esse dispositivo é apontado por Foucault como sendo a rede que se estabelece entre uma série de elementos heterogêneos que vão desde os discursos, leis e medidas administrativas, até a proposições filantrópicas e morais, em suma, o dito e o não dito.

As sociedades ocidentais, ainda segundo o autor, têm um enfoque no exercício da sexualidade dos sujeitos. Para manutenção desse controle⁸ quatro pilares tomam uma maior atenção: a natureza do ato sexual, castidade, fidelidade monogâmica e as relações homossexuais. Sendo que esses pilares suscitam também procedimentos através dos quais os sujeitos imbuídos de certa liberdade para vivenciar sua sexualidade subvertem a ordem do dispositivo, ou seja, através da sexualidade e das relações de forças e resistência estabelecidas pelo próprio sistema conseguem constituir-se a si mesmo, o que seria um indicativo, também, da sexualidade como uma forma de controle (FOUCAUT, 1988).

⁸ Deleuze (1992) acredita que a nossa sociedade, após a segunda Guerra Mundial, tenha deixado de ser sociedades disciplinares e se tornado sociedades do controle, isso em decorrência, principalmente, das mudanças estabelecidas por meio da exacerbação da sociedade capitalista e também em decorrência das inovações tecnológicas. Essa sociedade disciplinar é pautada na disciplina, logo impõe nitidamente um tipo de comportamento e ações, ao passo que a sociedade do controle tem formas de controle mais tênues, em um jogo de possível recompensa para determinados comportamentos ao passo que há um controle exercido sobre comportamentos que devem ser abolidos.

Nesses processos, a subjetividade, pode ser vista como um modo que nos tornamos sujeitos, ou seja, são práticas de si e, por mais que estejam inseridas em discursos, e também saberes, são processos massivos (no que tange a acontecer a todos os sujeitos), mas particulares. É por meio das práticas e relações de poderes que essa subjetividade possui uma relação de descontinuidade em suas formas históricas (FOUCAULT, 1984).

Assim, a subjetividade, o tornar-se sujeito, envolve sempre processos de subjetivação, que seria “toda a experiência que concretiza uma subjetividade e envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência de si” (CARDOSO JR, 2005, p. 344).

Essa subjetividade é pautada nas vivências. Mais que isso, é uma constante mutação, construída com base nas percepções dos sujeitos do mundo que os rodeia, o que implica em uma dimensão temporal ou transformacional que requer uma plasticidade e mutabilidade desses sujeitos. Segundo Cardoso Jr.,

Toda subjetividade é uma forma, mas essa forma é simultaneamente desfeita por processos subjetivação; enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um excesso pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma (CARDOSO JR, 2005, p. 344).

Então, a subjetividade como um procedimento dialético entre o novo e o antigo. Uma simbiose entre o interno e o externo através de processos subjetivantes, os quais ora tencionam para uma manutenção desse “quem sou” e ora o desestabilizam. Daí a questão e a dimensão temporal e transformacional. Ela, a subjetividade, é inata, porém em constante mutação pelos processos subjetivantes que são vistos como pontos de resistência ou fuga a esse controle.

Ver a subjetividade dessa forma, tal como é apresentada por Foucault, principalmente nos dois últimos volumes da História da Sexualidade (1984; 1985), é percebê-la por meio de uma perspectiva prática, para além de um arcabouço teórico, ou seja, como um modo de vida, sobretudo, nesse trabalho cujo foco está na sexualidade como um processo subjetivante, um processo por meio do qual os sujeitos se constroem e se assumem como um corpo bicha, criando heterotopias.

Por meio dessa perspectiva de subjetividade foucaultiana, Cardoso Jr discorre sobre forte relação da subjetividade com o tempo e o corpo. Isso porque, ela seria uma “expressão do que em nós, em nosso núcleo de subjetividade, se relaciona com as coisas, com o mundo, por isso envolve uma relação com o tempo”, logo, a subjetividade acontece em um corpo e não pode ser desvinculada dele e esse corpo está sempre presente em um tempo específico (CARDOSO JR, 2005, P. 346).

Esse corpo está para além do corpo orgânico (e objeto de estudo da biologia); ele é um corpo construído com base nas relações com o tempo e as forças de saber poder. A biologia, enquanto um campo do saber e de poder, é capaz de dar determinadas características a seu objeto de estudo. Já as ciências sociais, como a antropologia, sociologia e sexologia, se ocupam dos campos de saber relacionados a esse corpo em intersecção com o social e suas relações (afetivas, econômicas, emocionais, culturais, sexuais e afins).

O corpo, então, é como um agenciamento das coisas. Um local de sobreposição e sobredeterminação de elementos biológicos e sociais. Um local onde a subjetividade deixa seu rastro, seu efeito, sua “impressão de reflexão” (DELEUZE, 2001). Primeiro como uma utopia, um não lugar nunca alcançado, depois como uma heterotopia, um lugar fora do lugar, onde suas dobras revelam que por mais que aquele corpo esteja inserido em determinado contexto ou local social ele não pertence àquele lugar e transforma esse não lugar em algo novo, um terreno ainda inabitado, mas que através de atos performativos de si o fazem existir.

A tríade do corpo, o tempo e a subjetividade, pode ser entendida como uma estética da existência, processos por meio dos quais alguns sujeitos, subvertem as normas em uma luta agonística (FOUCAULT, 1997) pelo bem viver: uma estética de si, capaz de subverter o dispositivo de controle e propiciar uma liberdade. Esse subjetivar-se, segundo Foucault, “encampa noções, tais como conversão a si, um retorno no mesmo lugar, residir em si mesmo, onde está em jogo a ideia de todo um movimento da existência pelo qual se volta sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1997, p. 123). O movimento de existência que se dobra sobre si mesmo é contínuo, incessante, disruptivo, “um processo que nunca para e que faz da subjetividade ‘um sempre outro’, ‘um si e não si ao mesmo tempo’” (ROLNIK, 1997, p. 30). O sujeito, nessa perspectiva, seria um ser sempre inacabado, imbuído de construir para si mesmo uma existência esteticamente bela.

Considerando que a subjetividade é um efeito sobre e no corpo, esse corpo é então uma disposição determinada de organismos cuja função é, em partes, uma possibilidade de potência de transformação ou criação de um novo corpo, ao passo que essa potência seria a força de encontro capaz de constituir o corpo em suas relações com outros corpos, imagens, coisas, ideias e afins (CARDOSO JR, 2005).

É nessa potência criativa e transformadora que está a capacidade desses sujeitos de criar a sua própria existência orquestrada por um projeto ético-estético, uma forma através do qual o próprio corpo resiste aos controles impostos, por meio dessas práticas de si, o tornar-se sujeito mediante as relações com os elementos de fora e de dentro.

Veja-se, esse “fora e dentro”, segundo Rolnik (1997, p. 27), “não são meros espaços, separados por uma pele compacta que delinca um perfil de uma vez por todas”, esses fatores são ao mesmo tempo “indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro”. Ainda segundo a autora, “é só nesse sentido que podemos num dentro e num fora da subjetividade: o movimento de forças é o fora de todo e qualquer dentro, pois ele faz com que cada figura saia de si mesma e se torne outra. O fora é ‘sempre um outro dentro’, seu devir”.

Há ainda outro elemento presente nesse processo: a verdade. A relação do corpo e do prazer com a verdade. Em uma busca pela hermenêutica do sujeito, Foucault (2004) prioriza a questão da verdade, sobretudo do sujeito por si mesmo. Essa verdade estaria pautada em um processo de confissão, mas uma confissão diferente da aplicada pela igreja e que é mais evidente no dispositivo de sexualidade, mas uma auto-confissão ou auto-análise, em que o indivíduo avalia suas ações e delas apreende e aprende.

Nesse processo arqueológico, dentre outras coisas, o autor também chega à conclusão de que nas nossas sociedades, há uma espécie de obrigação moral dos sujeitos de conhecer-se a si próprio. E é através desse conhecimento de si próprio, dessas formas de auto compreensão que ele analisará as nossas experiências sobre sexualidade (FOUCAULT, 2004).

É nessa produção de verdade do indivíduo por ele mesmo que os sujeitos se tornam capazes de serem senhores de si. E que é nesse processo de produção de verdade que o indivíduo pode construir seu próprio poder saber na luta pelo exercício da sua sexualidade e pela sua própria estética da existência.

É através desse conhecimento de si mesmo e de se tornar o senhor de si através de suas verdades que eles se tornam, também, capazes de compreender sua própria sexualidade e corpo, retirando desse corpo as construções e formas de controle social. Acreditamos que direta ou indiretamente os sujeitos bicha, ou *queer*, tenham passados por processos semelhantes, cada um com sua particularidade subjetiva específica.

O queer, para além do lugar⁹

Inspirados nas acepções acerca do sujeito, da sua sexualidade e dessa não-identidade moderna, alguns estudiosos instauraram um processo de pós-identitário. Esse processo, presente nos estudos da Teoria Queer, está ligado ao fato de determinados indivíduos não se enquadrarem nos padrões, mesmo que eles sejam marginalizados, como acontece com os gays, por exemplo.

Inicialmente utilizado como um xingamento, tal qual *sapatão*, *bicha* e *viado* no Brasil, o *queer* surge nos Estados Unidos, em meados de 1980, como uma forma de afirmação e aceitação do ser gay. Sua proposta, política e acadêmica, inicial estava na possibilidade de abarcar todas as sexualidades que estava para além do gay e lésbica, os corpos que não importam/pesam, que Judith Butler (2000) vai mencionar.

Porém, via sexualidade, enquanto prática subjetivante, esses sujeitos constroem seu próprio cuidado de si, irão transpor as linhas do dispositivo, atuando e efetivando sobre si mesmo. Acreditamos que é por meio dessa subversão que esses sujeitos estão criando novos espaços, espaços nunca habitados, mas que são construídos por um processo constante de performatividade, ou seja, atos reiterativos e situacionais que ora mantém a norma ora a subvertem para a instauração de uma nova (BUTLER, 2000).

O que os sujeitos *queers* fazem é criar um novo lugar na sociedade, já que essa não possui lugar de pertencimento. Esse novo lugar é fluído, os cárceres da performatividade heteronormativa já não são mais convincentes o suficiente para esses sujeitos. O ser bicha está para além do gay, ele não tenta criar uma emulação do hétero ou assumir uma identidade supostamente normativa do gay, ele está no trânsito, no constante processo entre ser homem e ser mulher, independente do seu órgão sexual e da sua configuração corporal.

A proposta do bicha, intencional ou não, é estar no entremeio, no entre-lugar. Sua performatividade e a mistura dos dois sexos estabelecidos são os fatores que os regem. Os sujeitos *queers* são instituidores e possuidores de uma postura de resistência contra a generalização constante das sociedades em que vivemos, assim, são indivíduos que produzem uma diferença, diferença essa que não se cristaliza, se finda, pelo contrário.

⁹ Ao mencionar que há uma verdadeira explosão discursiva sobre o conceito de identidade, Stuart Hall (2012) vai recuperar o que Derrida menciona sobre alguns conceitos que estão sob rasura e a identidade seria um desses conceitos. Para o autor, “o sinal de ‘rasura’ (x) indica que eles não servem mais – não são mais “bons para pensar” – em sua forma original, não-reconstruída. Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a pensar com eles – embora agora em suas formas destotalizadas e desconstruídas, não se trabalhando mais no paradigma no qual eles foram originalmente gerados (HALL, 2012, p. 104)

Voltando ao *queer*, ele enquanto movimento e também como campo de estudo já surge com a proposta de subvergir o que era socialmente aceito e proclamado (pelas instituições religiosas, estado e campos do saber). Aceitá-lo como um termo de luta, já que ele era utilizado como xingamento, já dá indícios da sua subversão e da forma como esses indivíduos querem se apresentar e serem vistos. Mais do que isso, uma forma de aceitar a sua própria condição outrora marginalizada. Segundo Guacira Louro (2006)

A expressão, repetida como xingamento ao longo dos anos, constituiu-se num enunciado performativo que fez e faz existir aqueles e aquelas a quem nomeia. Performatividade instituiu a posição marginalizada e execrada. A posição que teria de ser indesejada. No entanto, virando a mesa e revertendo o jogo, alguns assumiram o *queer*, orgulhosa e afirmativamente, buscando marcar uma posição que, paradoxalmente, não se pretende fixar. Talvez fosse melhor dizer buscando uma disposição, um jeito de estar e de ser. Mais do que uma nova posição de sujeito ou um lugar social estabelecido, *queer* indica um movimento, uma inclinação. Supõe a não-acomodação, admite a ambiguidade, o não-lugar, o trânsito, o estar-entre. Portanto, mais do que uma identidade, *queer* sinaliza uma disposição ou um modo de ser e viver (LOURO, 2006, p. 45).

Eles não se propõem a criar outros lugares na sociedade onde possam ser aceitos, mas aceitam esse não lugar, instauram esse não lugar através de atos performativos. Transitar entre as normas binárias, impostas pelo dispositivo da sexualidade, é que os faz subverter as normas que lhes são impostas.

Nessa perspectiva, o gênero/sexo¹⁰ não estão mais pautados em uma construção pronta, seja ela biológica ou social, mas em um processo de contingência, eles estão sendo construídos constantemente, sempre em devir. O que o bicha faz é performativizar esse corpo, esse *queer*, no trânsito constante entre uma parte e outra dessas normas instauradas, em uma luta agonística constante pela sua própria estética da existência.

É por meio desses processos de performance do seu corpo e sexo (e no exercício da sua própria sexualidade) que esses indivíduos, ao performar sua existência esteticamente, instauram suas heterotopias e também suas formas próprias de serem vistos na sociedade em que estão inseridos.

Nossa sociedade, plural e fragmentária, não consegue mais determinar as identidades desses sujeitos, não são mais suficientes para determinar quais características seriam responsáveis por determinar o que é de cada sexo/gênero. O sujeito bicha ao transitar nesses espaços e instaurar esses novos não lugares se empodera e cria novas formas de se mostrar de ser visto.

Estamos em um constante processo de subversões de tudo que conhecemos sobre a prática do nosso próprio sexo. As constituições desses dispositivos estão sendo rompidas dentro do próprio dispositivo, há um crescente de indivíduos portadores de poderes/saberes que os torna capazes de subjetivamente modificar e subverter essas convenções e isso é algo que vem acontecendo há algum tempo e que criam representações que podem vir a ser representativas para que outros indivíduos estabeleçam suas próprias relações de poder saber.

¹⁰ Foucault (1988), percebe que o sexo também não é algo exclusivamente biológico. Com a História da Sexualidade: A vontade de saber pode-se perceber que inclusive o sexo (objeto de estudo na biologia) se valeu de discursos para ser edificado. Ou seja, ele não é somente biológico, mas uma construção histórica e política.

É preciso que percebamos esse *queer*, mais que uma proposta de (re)inserir no debate todos as siglas que indicam as sexualidades não normativas, uma proposta de aceitar, fomentar, entender a condição desses indivíduos que são marginalizados pelas normas generificadas e perceber que eles não querem ser enquadrados em outras normas, outras terminologias, mas sim promover e tencionar o pensamento sobre o que entendemos sobre gênero/sexo e todos os discursos que são criados a partir desses pensamentos.

A heterotopia do corpo bicha

Existem nas nossas sociedade e cidades lugares não localizáveis, lugares onde o tempo parece não passar, lugares que são impossíveis de serem rastreados e lugares que não existe história. Esses lugares, na maioria das vezes são inventados por homens, sejam através de construções arquitetônicas para assegurar o conhecimento, como as bibliotecas, ou lugares fictícios, como as cidades de filmes de ficção, segundo Foucault (2013, p. 19), esses são “os doces lugares das utopias”.

Na percepção do autor, isso acontece porque os sujeitos não conseguem viver em espaços brancos, neutros. A vida e o exercício dela com todas as suas particularidades estão para além do espaço da folha de papel. Só se vive, ama e morre em um espaço quadriculado, um espaço recordado, matizado, com suas várias particularidades. Esse espaço pode ser entendido sob a perspectiva inicial e proposta por ele nesse texto, como sendo um espaço de perspectiva geográfica, ou em um processo de bricolagem e relação com outro texto, esse espaço pode ser visto como um corpo, já que

Meu corpo está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em todo dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação a ele como em relação ao um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino (FOUCAULT, 2013, p. 14).

Esse corpo, enquanto um lugar e, em alguns casos como o bicha, uma heterotopia é lugar onde as pessoas vivem. E lá onde em uma relação de troca constante que esse espaço/corpo cria performativamente novos espaços sociais. Esses não lugares podem ser vistos como contra espaços, locais onde as utopias se realizam, onde o bicha pode se tornar quem ele almeja ser sem que o seja de fato todo o tempo. Nesses lugares, que são criados e instaurados por esses indivíduos, o bicha pode estar em uma relação constante de sobreposição entre o ser e ser mulher, subvertendo a linguagem, ao se aceitar e se chamar no feminino, as convenções de gênero utilizando roupas, adereços e maquiagens que são tipicamente femininos.

Foucault propõe também uma nova ciência, que tem como objeto de estudo esses novos espaços, as contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Na opinião dele, “essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero*-topias, espaços absolutamente outros; e forçosamente, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama ‘heterotopologia’” (FOUCAULT, 2013, p. 21).

Dentre esses espaços outros das sociedades, já que na sua concepção todas as sociedades, desde a mais primitiva, possuem suas próprias heterotopias, existem as heterotopias de desvio, heterotopias biológicas, heterotopias de justaposição temporais para a eternização ou efemeridade de algo. Em todos os casos, elas têm como “regra justapor em um lugar real, vários espaços que, normalmente, seria ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 24).

O que o sujeito bicha faz é subverter as convenções de gênero, viver diferente sua experiência sexual, transformar o que é dado e posto socialmente, como a questão do batom para mulher e a barba para o homem, ou seja, há aqui uma justaposição de espaços que socialmente foram construídos como incompatíveis. É aí sem dúvidas que encontramos o que há de mais essencial nas heterotopias. Elas são a contestação de todos os outros os outros espaços. Assim, eles instauram novos não lugares, lugares esses em que a sua própria performatividade faz o seu corpo construir suas próprias utopias que podem vir a servir de exemplo para outros indivíduos.

Utopia para outros indivíduos porque as heterotopias têm uma peculiar característica: “ela é um livro aberto, que tem, contudo a propriedade de nos manter fora” (FOUCAULT, 2013, p. 27), não haverá nunca as mesmas experiências do ser bicha, a estética da existência e a luta agonística de cada sujeito é vista e vivida particularmente através de processos subjetivos únicos.

Referências

- BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Tradução: T. T. Silva. Bel Horizonte: Autêntica, 2000. p. 112-125.
- CARDOSO JR. H R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Revista Psicologia: Reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, pp. 343-349, out./dez. 2005.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Vol. 1. São Paulo: Graal, 1988.
- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. V. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. V. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **O corpo utópico | As heterotopias**. São Paulo – N-1 Edições, 2013.
- _____. **Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 134p.
- HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 103-133.
- LOURO, G. L. Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n.1, jul/dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 07/01/16
- ROLNIK, S. Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997. P. 25-34.
- Enviado em 30/04/2020
Avaliado em 15/06/2020